

**A CRÍTICA começa a publicar a partir deste domingo uma série de matérias que antecipam as discussões em torno do novo trabalho da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): "Espaço e doença: um olhar sobre o Amazonas", que deverá ser lançado em outubro deste ano.**

**O objetivo da Fiocruz é trazer ao leitor os dados mais atuais sobre o Amazonas, que em geral apareciam dispersos em pesquisas sobre a Região Amazônica. A série de matérias procura acompanhar a mesma estrutura do livro. Serão ao todo seis edições publicadas aos domingos. As três primeiras irão abordar a questão do espaço, partindo do pressuposto da obra de que a ocorrência de doenças é historicamente determinada por fatores sociais e regulada pelas condições do ambiente.**

**As três edições seguintes trazem as pesquisas sobre doenças que mais têm preocupado o estado, como a malária, a hanseníase e a cólera. As condições de saúde nas populações indígenas também serão tratadas nas edições de domingo de A CRÍTICA.**



**Espera-se concluir a publicação das matérias com o lançamento do atlas. A primeira matéria publicada hoje aborda o tema da mobilidade da população do Amazonas com ênfase para o transporte fluvial. Toda a obra da Fiocruz trata da questão, mas o assunto é mais detalhado no texto "Mobilidade da população e fluxos econômicos", de autoria dos pesquisadores Ricardo Nogueira, professor da Universidade do Amazonas; Paulo Peiter, da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz no Rio de Janeiro; e Miguel Angelo Ribeiro, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, também do Rio de Janeiro.**

**Como a questão central da primeira matéria está nos rios e no transporte fluvial, a entrevista foi concedida pelo professor do Departamento de Geografia da Universidade do Amazonas, Ricardo Nogueira, autor da dissertação de mestrado "Amazonas: um estado ribeirinho", defendida em 1994 na Universidade de São Paulo (USP).**

# Fiocruz analisa complexidade amazônica

Questões ligadas ao meio ambiente e à saúde da região estarão descritas em atlas a ser lançado em outubro pela Fundação Oswaldo Cruz

Wilsa Freire

A extensão e a complexidade da Região Amazônica sempre foram vistas como os principais obstáculos para se chegar a um diagnóstico sobre questões como o meio ambiente ou a saúde na Amazônia. A precariedade de dados e a escassez de pesquisas, no entanto, só permitiam visões globais da região. As especificidades dos estados acabavam ofuscadas por características de uma ou outra cidade.

A Fundação Oswaldo Cruz, escritório técnico regional da Amazônia, decidiu mais uma vez dar um passo importante para o reconhecimento da região: há dois anos, a instituição reuniu vários pesquisadores com o objetivo de lançar um novo olhar sobre o estado. Foram ao todo 27 pesquisadores convidados de 11 instituições do País, além de uma pesquisadora da Universidade de Havana, em Cuba, Luísa Iniguez Rojas, que desencadeou todo o projeto.

O resultado do trabalho dos pesquisadores será lançado em outubro deste ano em forma de atlas: "Espaço e doença: um olhar sobre o Amazonas". Antes mesmo de seu lançamento, a obra já está sendo considerada como o mais completo trabalho sobre saúde no estado do Amazonas.

O atlas está dividido em duas partes: "O Espaço do Amazonas: Diversidade Natural e Desigualdade Social" e "Velhas e Novas Doenças no Amazonas: os Espaços de sua Produção". As pesquisas começaram a ser realizadas em abril do ano passado, quando os pesquisadores se uniram para pensar o projeto.

"Este trabalho representa uma produção impar para o estado", afirma uma das coordenadoras do projeto, a assistente social Rita Bacuri. "Unir

duas áreas como o meio ambiente e a saúde e chegar a um grande diagnóstico sobre a situação do estado é um fato único para nós. Esperamos que isto sirva como indicador sobre a situação de saúde e que possam surgir ações de controle".

Para outro coordenador do atlas, o pesquisador Luciano Toledo, a importância da obra também está no fato de não haver uma publicação similar sobre geografia da saúde no Amazonas. "Até hoje não havia publicação que unisse as relações do meio ambiente com a sociedade e sua repercussão sobre as condições de saúde", explica. Segundo ele, a obra só foi possível através do apoio da presidência da Fiocruz, a solidariedade dos pesquisadores e a legitimidade do atual coordenador do Escritório Técnico da Amazônia, professor Marcus Barros.

Expedição - Esta não é a primeira vez que a Fiocruz percorre a Amazônia buscando um novo olhar sobre a região. Em 1995, de 31 de julho a 9 de setembro, pesquisadores da Fiocruz, Universidade do Amazonas, Instituto de Medicina Tropical de Manaus, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) participaram da expedição científica "Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade", que gerou um dos livros mais belos sobre a região: "Revisitando a Amazônia: expedição aos rios Negro e Branco refaz percurso de Carlos Chagas em 1913", editado pela Fundação Oswaldo Cruz.

A tradição da fundação, órgão vinculado ao Ministério da Saúde, tem se voltado basicamente para pesquisas que priorizem a multidisciplinaridade e apresentem soluções à problemática local.



Cena comum entre os ribeirinhos: crianças utilizando o barco para brincar e chegar à escola localizada na sede dos municípios

## Investimento não chega aos ribeirinhos

Radares, satélites, projeto Sivam, computadores. Em meio às novas tecnologias e projetos que cercam a Amazônia, a vida dos ribeirinhos segue praticamente o curso dos rios. A imensa bacia fluvial e uma simples canoa continuam sendo as principais fontes para todo tipo de recursos, integração e comunicação do caboclo.

Se por um lado se tem uma imagem de costumes e questões culturais, por outro a pequena alteração na vida dos ribeirinhos também esconde um outro tipo de tradição, só que desta vez de caráter negativo: a do abandono dos que vivem fora da sede dos municípios.

O esquecimento dos ribeirinhos fica mais evidente quando se fala na mobilidade da população do estado e suas relações com o fluxo econômico, como mostra o pesquisador e professor da Universidade do Amazonas (UA), Ricardo Nogueira, no texto "Mobilidade da População e Fluxos

Econômicos", em co-autoria com os pesquisadores Paulo Peiter e Miguel Ribeiro, no livro "Espaço e doença: um olhar sobre o Amazonas".

De acordo com Nogueira, cerca de 80% da mobilidade da população do estado se dá a partir dos rios. O restante ocorre por vias aéreas e rodoviárias, que apesar de serem minorias, ganham mais atenção do governo.

"Quando digo que os ribeirinhos estão esquecidos, quero dizer que boa parte das ações e reflexões do estado se dão sobre a cidade, o que também nos remete às questões ligadas aos fenômenos urbanos", explica o professor. Nogueira ilustra a falta de atenção para os ribeirinhos comparando os investimentos dos governos nas rodovias e aeroportos e nos serviços portuários.

"A implantação de um arrojado pólo industrial a partir da década de 70 na cidade de Manaus com diversos incentivos fiscais para o investimento de capital, fez con-

trar aqui a quase totalidade da produção eletro-eletrônica em todo o País", diz Nogueira, citando um trecho de sua dissertação de Mestrado. "Para dar vazão a esta produção, o estado arcou com a construção de uma estrada ligando Manaus a Porto Velho e um moderno aeroporto com um grande terminal de cargas. Já o aparelhamento portuário foi mínimo".

Na cidade, segundo o professor, o desenvolvimento urbano também fez com que a prefeitura tratasse de construir uma rodoviária para servir os passageiros das poucas linhas existentes, mas deixou de lado projeto de construção de uma hidrovívia. "Isto traria maior conforto ao embarque e desembarque de cargas e passageiros para os diversos pontos da Amazônia mas acabou não se concretizando", diz Nogueira. "Na realidade, o estado e seus dirigentes viraram as costas para um dos aspectos mais marcantes na região: os rios".

Márcio Silva

### Autores do atlas "Espaço e doença"

- Adele Benzaquem - Instituto de Venereologia Tropical Alfredo da Matta (Manaus-AM).
- Amélia Travassos da Rosa - Instituto Evandro Chagas (Belém-PA).
- Arnaldo Carneiro Filho - Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas (Manaus-AM).
- Bernardino Albuquerque - Superintendência de Saúde do Amazonas (Manaus-AM).
- Elizabeth Salbê Travassos da Rosa - Instituto Evandro Chagas (Belém-PA).
- Etelvina Rodrigues Alves - Secretaria Municipal de Saúde (Manaus-AM).
- Fátima Fraia Garcia - Superintendência de Saúde do Amazonas (Manaus-AM).
- Jaime de Araújo Covas - Superintendência de Saúde do Amazonas (Manaus-AM).
- Jerusa Cyrino - Escritório Técnico Regional da Fiocruz na Amazônia (Amazonas).
- Jorge Fernando Travassos da Rosa - Instituto Evandro Chagas (Belém-PA).
- José Carlos Sardinha - Instituto de Dermatologia e Venereologia Tropical Alfredo da Matta (Manaus-AM).
- Leana Rocha Lopes - Instituto Municipal de Planejamento Urbano e Informática (Manaus-AM).
- Leila Melo Brasil - Instituto de Medicina Tropical do Amazonas (Manaus-AM).
- Leni da Silva Marreiro - Fundação Nacional de Saúde (Manaus-AM).
- Luciano Medeiros de Toledo - Escola Nacional de Saúde Pública - Fiocruz (Rio de Janeiro-RJ).
- Luísa Iniguez Rojas - Universidade de Havana, Cuba e Fiocruz/CNPq.
- Marcilene Gomes Paes - Instituto de Medicina Tropical do Amazonas (Manaus-AM).
- Marcus Barroso Barros - Escritório Técnico Regional da Fiocruz na Amazônia (Manaus-AM).
- Martha Souza Justis - Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz (Rio de Janeiro-RJ).
- Miguel Ângelo Ribeiro - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Rio de Janeiro-RJ).
- Orlando Valverde - Conselho de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (Rio de Janeiro-RJ).
- Paulo Peiter - Escola Nacional de Saúde Pública - Fiocruz (Rio de Janeiro-RJ).
- Pedro Vasconcelos - Instituto Evandro Chagas (Belém-PA).
- Ramiro Fernandes Neto - Companhia de Pesquisas em Recursos Minerais - Superintendência Regional de Manaus (Manaus-AM).
- Ricardo José Batista Nogueira - Departamento de Geografia, Universidade do Amazonas (Manaus-AM).
- Rogélio Casado - Instituto de Medicina Tropical do Amazonas (Manaus-AM).
- Ulisses Confalonieri - Escola Nacional de Saúde Pública - Fiocruz (Rio de Janeiro - RJ).
- Organizadores: Luísa Iniguez Rojas, Luciano Medeiros Toledo, Coordenação Executiva Rita Bacuri Queiroz, Marcus Barros.



As embarcações viajam abarrotadas de encomendas para os ribeirinhos

## Remédios e cartas vão pelo rio

Os barcos que navegam no Amazonas não são apenas barcos. Ao passar pelas diversas localidades às margens dos rios, transformam-se também em farmácia, correio, banco e outros serviços comuns para as zonas urbanas mas raras aos ribeirinhos.

O encarregado de encomendas Reinaldo Pimentel de Almeida, 32, começou nesta atividade há três anos, mas já é famoso nos rios do Amazonas. Ele viaja no barco Jean Carlos III (destino Parintins) fazendo as vezes de carteiro. Na semana passada, ele estava com cerca de 30 correspondências, além de sacolas e caixas de encomendas.

"A gente já conhece a maioria das pessoas", conta Almeida. "Eles confiam na gente. As vezes, mandam até dinheiro pela embarcação". Se o destinatário não for conhecido, Almeida diz que pede uma identidade para garantir a segurança da encomenda.

Os preços são determinados por uma tabela informal. "Depende do tamanho e do valor que se vai levar", explica Reinaldo Almeida. Em geral, uma carta simples custa R\$ 1, o mesmo valor para levar uma sacola. A encomenda de uma caixa varia, segundo Almeida em torno de R\$ 2 a R\$ 3.

Outra encarregada de encomendas, Valquíria Colares da Costa, 30, do barco Comendador Paiva II (destino Nova Olinda), cobra preços semelhantes para levar encomendas. Ela garante, no entanto, que se for uma carta ou uma encomenda de urgência não chega a cobrar nada.

Quando passa por localidades como Urucurituba ou Rosarinho, ainda de madrugada, os moradores estão aguardando a chegada do barco que não chega a parar nas margens do rio. Um barco ou lancha da localidade tem de ir ao encontro do encarregado. A maioria das encomendas chega a seu destino certo, mas Valquíria também guarda uma série de correspondências que não chegaram ao destinatário. "A gente deixa aqui para ver se um dia o dono aparece", diz.

"O rio é a rua" - O professor da Universidade do Amazonas, Ricardo Nogueira, lembra de uma citação do pesquisador Raimundo Moraes, do livro "Da planície amazônica", escrito no início do século, mas que ainda hoje cabe à região: "Os defuntos vão para a cova embarcados; embarcados vão os noivos, os pais, os prósperos, os caçadores, os comerciantes, os trabalhadores, os eleitores, os namorados, os músicos. O rio é a rua".

Ricardo Nogueira diz que a estrutura da vida dos ribeirinhos continua com poucas alterações, principalmente porque a rede rodoviária montada para a Amazônia não atingiu o Amazonas. "Somente duas cidades, de suas 62 sedes municipais surgiram em torno da criação das estradas: Apuí e Presidente Figueiredo. Todas as outras têm suas origens intimamente vinculadas à água", explica Nogueira. "As demais não foram atingidas pelas grandes rodovias construídas para a Amazônia como forma de integração".

## Transporte requer regulamentação

Um dos agravantes do abandono dos ribeirinhos, segundo o pesquisador da Universidade do Amazonas (UA), Ricardo Nogueira, está na falta de regulamentação do transporte fluvial. Isto pode ser entendido se compararmos os rios e as localidades do estado com as ruas e bairros de Manaus.

Se na cidade há toda uma programação de horários e linhas de ônibus a ser seguido e cobrado pelos órgãos municipais, o mesmo não ocorre nos rios. Um proprietário de embarcação pode retirar seu barco de determinada linha a qualquer momento se achar que ela não é lucrativa. Não existe nenhum órgão estadual ou federal responsável pela fiscalização desse movimento de entrada e saída dos barcos. Não há ordenação das linhas a partir da necessidade do caboclo. Não fossem os barcos de transporte de passageiros tradicionais, os ribeirinhos ficariam sem o seu principal meio de comunicação com as sedes municipais.

Em época de festivais e festas no interior do estado, como lembra o pesquisador da UA, é comum várias localidades ficarem sem atendimento. "Os donos de barcos preferem fretá-los para as festas do interior, deixando descobertas as linhas de rotina", diz Nogueira. "Sem a regulamentação do Governo federal o transporte fluvial perdeu o sentido".

Outros fatores apontados por Nogueira para a precariedade do transporte fluvial no Amazonas são a dispersão da população nas longas distâncias a serem percorridas e o baixo poder aquisitivo da população. Estes três fatores fazem com que o transporte fluvial de carga e passageiros continue comandado por autônomos que possuem, em sua maioria, apenas uma embarcação construída em madeira e grande parte cumprindo apenas os principais valores: calha central do Solimões-Amazonas, rio Madeira, rio Negro, rio Purus e rio Juruá.



A espera da saída das embarcações se dá sob sol ou chuva

## Barco a jato facilita acesso

Mesmo com um cenário mais de abandono do que de atenção para o homem ribeirinho, o professor da Universidade do Amazonas, Ricardo Nogueira, acredita que nos últimos anos tem havido uma melhora no transporte fluvial.

O maior exemplo, segundo o pesquisador, está nos projetos como os de barcos a jato que tornam as viagens mais rápidas e permitem uma assistência à saúde mais eficiente ao ribeirinho. "Um passo importante da Secretaria Estadual de Educação também foi a criação do barco "Luz do Saber", que vai até o ribeirinho possibilitando o acesso à educação", diz Nogueira.

Outro projeto do governo municipal, o "SOS Ribeirinho", também é apontado pelo professor da UA como uma das ações que podem

melhorar a vida de quem está isolada nas margens dos rios. "Existe uma tendência para a expansão do transporte fluvial que é o uso de lanchas com motores potentes que conseguem realizar determinadas viagens num tempo mais curto e que não leva cargas, apenas passageiros", diz Nogueira.

As prefeituras, de acordo com o pesquisador da UA, também já estão começando a alugar barcos pequenos para levar alunos ribeirinhos à escola na sede dos municípios. "Ficou muito difundido a idéia de fronteira urbana na Amazônia, esquecendo-se completamente dos ribeirinhos. Mas é preciso perceber que é fundamental se dar conta da existência de todo esse mundo fluvial que existe na Amazônia".